



HOMENAGEM

Os 120 anos de JK

Médico urologista de origem humilde, Juscelino ocupou importantes cargos políticos, até chegar à Presidência da República em 1956, com seu ousado plano de metas conhecido como "50 anos em cinco". Sua memória é preservada por amigos e familiares

» GUSTAVO WERNECK

Eugenio Silva/O Cruzeiro/Arquivo EM



Então governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, tendo ao fundo a Serra do Curral, em Belo Horizonte, na década de 1950

Com um elegante terno riscado de giz, destaque da moda masculina nos anos 1950, o então governador de Minas e ex-prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976), olha para o futuro com serenidade, tendo como moldura e retaguarda a Serra do Curral, símbolo da capital mineira. Na mesma década, seria eleito presidente do Brasil e responsável pela construção de Brasília, cujo embrião foi a Pampulha, conforme atestou o arquiteto modernista Oscar Niemeyer (1907-2012), que trabalhou em ambos os projetos de reconhecimento internacional.

Retratos em preto e branco mostram momentos na vida do mineiro de Diamantina, no Vale do Jequitinhonha, que, se estivesse vivo, completaria 120 anos hoje. "Juscelino é o homem que criou Brasília, trouxe a indústria automobilística para o país e foi o responsável pela implantação das usinas hidrelétricas de Furnas e Três Marias. Seu plano de metas, para melhorar a infraestrutura brasileira, era '50 anos em cinco', mas, infelizmente, não é lembrado como deveria", diz o diretor-presidente do museu e memorial Casa de Juscelino, em Diamantina, Serafim Jardim, de 87 anos, enaltecendo a imagem do grande amigo e lamentando a injustiça do tempo. "JK foi o menino Nonô, humilde, que só colocou sapato aos 12 anos de idade."

Com as melhores recordações de JK, Serafim destaca cinco pontos que o enterrâneo considerava importantes. "Em primeiro lugar, a leitura. Depois, os três anos que estudou no seminário de Diamantina e o concurso que prestou, passando em 19º lugar, para trabalhar como telegrafista, o que lhe permitia estudar." Na sequência, vieram o ingresso na Escola de Medicina (hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG), onde se formou em 1927, e a ida para Paris, França, a fim de se especializar em urologia.

"Para viajar, Juscelino vendeu o carro que possuía e juntou mais dinheiro, que ganhou trabalhando. Foi para a Europa no início de 1930 e voltou no fim daquele ano, tendo a oportunidade

de conhecer vários países, incluindo a República Tcheca, de onde vieram os antepassados. Teve a oportunidade de comemorar seus 28 anos em Praga. Depois, visitou o Oriente Médio", conta Serafim.

Em 1931, Juscelino casou-se com Sarah Kubitschek (1908-1996), e o casal teve a filha Márcia (1943-2000) e, mais tarde, adotaram Maria Estela. "Estamos aí eu e Maria Estela para manter cada vez mais viva a imagem de JK", avisa o diretor da Casa de Juscelino, que tem programação especial para lembrar os 120 anos de nascimento do ex-presidente do Brasil (1956-1961), ex-governador de Minas (1951-1955) e ex-prefeito de Belo Horizonte (1940-1945).

Para falar sobre JK, são necessários "um dia e uma noite", diz Serafim Jardim, que resume um pouco da história na frase do seu primo, o jornalista Celius Aulicus Gomes Jardim, que trabalhou no jornal *Estado de Minas*: "Juscelino, o diamantinense, que venceu



JK foi o menino Nonô, humilde, que só colocou sapato aos 12 anos de idade."

Serafim Jardim, diretor-presidente do museu e memorial Casa de Juscelino

sem deixar vencidos. Lutou sem deixar adversários. Combateu sem deixar inimigos. Sofreu sem deixar vitórias. E morreu sem legar ódios".

Medicina e política

Com especialização em urologia, Juscelino abriu um amplo consultório no Edifício Ibaté, na Rua São Paulo, no Centro de Belo Horizonte, considerado o primeiro arranha-céu da cidade. Mas, nomeado médico da Polícia Militar, seguiu para Passa Quatro, no Sul de Minas, para atuar na Revolução de 1932, quando

conheceu Benedito Valadares (1892-1973), que seria governador de Minas de 1933 a 1945 e de quem foi chefe de gabinete.

Assim, houve o aceno da política ao jovem médico. Em 1934, o diamantinense foi eleito deputado federal, depois nomeado prefeito da capital mineira e novamente deputado. Após passar pelos palácios da Liberdade, em Minas, e da Alvorada, em Brasília, elegeu-se senador por Goiás (de 1961 a 1964).

Com o golpe militar de 1964, JK conheceu o exílio na Europa e nos Estados Unidos. "Em 4 de outubro de 1965, retornou ao

país com dona Sarah e passou 36 dias no Brasil. Voltou dois anos depois dizendo que só sairia daqui morto. Ficou, mas foi preso em 13 de dezembro de 1968, data do Ato Institucional número 5, o AI-5", recorda-se Serafim Jardim, com tristeza.

"Um mês antes de morrer em acidente automobilístico na Rodovia Presidente Dutra, em Resende (RJ), em 22 de agosto de 1976, Juscelino me disse que viria a Contagem (Região Metropolitana de Belo Horizonte) para uma homenagem à memória do seu pai, João César de Oliveira, que dá nome à principal avenida do município. Infelizmente, não deu tempo."

Consultório

Aos 93 anos e demonstrando grande paixão pela vida, o médico urologista Odilon Lobato segue todo final de semana de Belo Horizonte, onde mora, para a cidade natal, Pompéu, na Região Centro-Oeste de Minas.

Com memória de fazer inveja a muita gente, Odilon conta que conheceu Juscelino ao estudar medicina. "Quando entrei na faculdade, ele tinha saído há mais tempo", explica. "Era extremamente humano, exercia a medicina com muita competência, com o objetivo de servir. Urologista e clínico geral, operava bem e, na Santa Casa, onde trabalhava, dava preferência ao atendimento aos mais pobres."

Depois que Juscelino deixou o consultório no Edifício Ibaté, esse ficou com seu cunhado, Júlio Soares. Odilon Lobato foi trabalhar lá e depois adquiriu o mobiliário. Décadas mais tarde, as peças foram doadas e podem ser vistas no Centro de Memória da Medicina (Cememor) da Faculdade de Medicina da UFMG (na Região Hospitalar, em BH) e como parte do acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Pompéu, na região centro-oeste, a 164 quilômetros de BH. Odilon, que foi deputado estadual, tem se lembrado ainda mais do médico e político nas páginas do livro *Juscelino Kubitschek, O médico*, escrito por Fernando Araújo, já falecido.

Memória

"Fico feliz com o grande número de visitantes que recebemos, em torno de mil pessoas por mês. Muitos são jovens e se interessam pela vida e obra de JK", diz Serafim. "JK nasceu na Rua Direita, 106, e morou na casa que hoje leva seu nome dos 3 anos aos 19. Preservar a casa é mais do que uma missão, pois, 13 dias antes de morrer, JK me pediu que comprasse o imóvel, então em poder de uma família, e zelasse por ele", diz o diretor-presidente. O visitante pode ver o pequeno quarto onde JK dormia na infância.

No anexo, nos fundos, construído em 1994, está o primeiro consultório de JK. Num canto, um aparelho de anestesia, de 1930, doado por um particular de São Paulo; no outro, o equipamento para eletrocardiograma, do mesmo ano; e, pendurado, um jaleco branco. Na sala ao lado, estudantes e pesquisadores têm espaço para estudar em obras doadas pela ex-primeira-dama.

CORONAVÍRUS

Brasil tem menor média móvel de mortes

O Brasil atingiu, no último sábado, a menor média móvel de mortes por covid-19 em quase dois anos e meio. A taxa foi de 70, idêntica à de 7 de abril de 2020, ainda no princípio da pandemia,

a qual foi oficialmente declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. O número registrado no sábado é 29% menor do que o compilado há duas semanas.

Em 24 horas, foram 40 óbitos, elevando o total de vidas perdidas em decorrência da doença a 684.906. Dos 27 estados brasileiros, 18 computaram dados no sábado. Dessas, nove não tiveram vidas perdidas. As informações são do consórcio de imprensa, do qual os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *UOL*, *Extra*, *O Globo* e *G1* fazem parte. As informações são recolhidas

pelo consórcio de veículos de imprensa diariamente com as secretarias de Saúde estaduais.

A média móvel de casos de covid-19 foi, no sábado, a 8.150, queda de 44% ante o índice de duas semanas atrás — tempo de comparação recomendado por especialistas devido ao tempo de incubação do novo coronavírus. Em 24 horas, foram registradas 8.560 contaminações, elevando o total a 34.572.480.

SES-DF/Breno Esaki



Índice registrado é idêntico ao de abril de 2020, início da pandemia

>> DE UNO www.correiobraziliense.com.br

Duzentos anos da diplomacia brasileira

Até 15 de novembro, o Palácio do Itamaraty, em Brasília, apresenta a exposição *Brasil 200 anos — Percursos da Diplomacia Brasileira*, em homenagem ao Bicentenário da Independência do país. Por meio de 54 painéis, além de fotos de documentos raros, a mostra conta a história do país pela diplomacia durante 200 anos, desde a proclamação da Independência por Dom Pedro I. A exposição está sendo organizada pela Fundação Alexandre Gusmão (Fenag), em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE) e está aberta todos os dias, das 9h às 18h. A mostra também tem visitação de forma virtual.

Menina de 11 anos engravidada pela segunda vez

Uma criança que já havia engravidado por estupro e dado à luz a criança gerada no ano passado está novamente grávida em circunstâncias semelhantes, no Piauí. A gestação foi confirmada em exame realizado na maternidade Dona Evangelina Rosa, em Teresina, na sexta-feira. A menina está morando em uma unidade de acolhimento institucional municipal e a gravidez foi percebida por educadores do abrigo. O caso é acompanhado pelo Conselho Tutelar Zona Sudeste de Teresina e foi repassado para a Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência Social e Políticas Integradas (Semcaspi).

Sobe para 22 os mortos em naufrágio

Após o naufrágio que ocorreu próximo à Ilha de Cotijuba, em Belém, na manhã de quinta-feira, foram encontrados 22 mortos no acidente. Foram contabilizadas as mortes de 13 mulheres, cinco homens, três crianças e uma pessoa ainda sem identificação. Do total, 15 corpos foram trasladados para Marajó e cinco entregues a familiares em Belém. As autoridades ainda não sabem quantas pessoas havia na lancha que afundou, pois a embarcação fazia transporte intermunicipal irregular de passageiros e não tinha lista de pessoas embarcadas. O barco partiu de um porto clandestino em Cachoeira do Arari, no arquipélago do Marajó, com destino a Belém.